

LIMA

Um sonho azul de minha infância, esse lago Titicaca, de águas geladas e azuis; um dia virei aqui, e a La Paz, e a Cuzco e a Machu Picu... Quando passamos a cordilheira vemos uma grande cidade que um vulcão domina: um vulcão imenso, em cone, com sua cratera e suas neves, perfeitamente igual ao das gravuras japonesas. É Misti, e diz a lenda que é mulher vestida de prata; sua neve brilha ao sol, e o céu é azul.

Agora estamos sobre o Pacífico, e a costa é deserta, alta de uns trinta metros, cortada de longe em longe por vales de rios, onde a vida humana se refugia em uma longa fita verde-escura. Lima aparece de repente, e nos parece imensa e bela, estranha com suas casas sem telhado — dizem que não chove nunca — cheia de avenidas largas, de árvores e de flores. Um dia na cidade, para andar um pouco pelas ruas limpas, comprar coisas no mercado conversando com a gente do povo que fala um castelhano tão cantante e bonito. Essa cerâmica das tribos antigas, que eu apenas conhecia de gravuras, me surpreende, me choca pela sua beleza; não são curiosidades, são grande arte, de uma riqueza de formas impressionante.

Dizem-me que ainda hoje é possível achar novos tesouros d'esses escavando: sonho com uma expedição para desenterrar pedras e barros perdidos há séculos e séculos, ver pela primeira vez ao sol essas coisas de beleza que trazem consigo o sonho, o anseio, o sentimento de uma gente estranha perdida no fundo dos séculos.

Mas não há tempo nem mesmo para sonhar, não vejo a velha arquitetura espanhola, nem a embaixada da Colombia onde Haya de la Torre espera o momento de sair de um estranho cativeiro de cinco anos, um colega de jornal me informa que a ditadura Odría se dá ao luxo de uma vaga Câmara com uma vaguíssima oposição, me diz que o aprismo continua muito bem organizado na ilegalidade, mas a situação econômica relativamente boa não faz prever qualquer mudança de regime. Pelo menos aqui na capital não vejo sinais de miséria, a pobreza tem um ar decente, não há os contrastes chocantes do Rio. Josué Montelo me fala satisfeito do curso de cultura brasileira que dá na Universidade de São Marcos, do interesse dos moços pelas coisas do Brasil. Os jornais trazem bastante matéria sobre o nosso país, falando dessa linha da Panair que é a única ligação direta, sem escalas, com o Atlântico, e do sul-americano de natação que se disputa em S. Paulo. O Vasco, entretanto fraco, está ganhando seus jogos no pequeno mas confortável estádio de Lima; Ademir me diz que o Flamengo bem poderia contratar esse meia Mosquera, cuja rapidez e sensibilidade eu noto (parece o jogo de Didi) e que está com o passe livre. Barbosa me parece um pouco gordo.

Aqui, como em toda a América Espanhola, o Carnaval se prolonga um pouco pela quaresma: na bela sede do Country Clube uns 60 brasileiros dão a sociedade peruana uma vigorosa aula de samba, e quando o entusiasmo cresce Bené Nunes passa para a bateria e o desenhista Anahory massacra o piano. Tudo está bom, menos o peruano Pancho, muito chato e muito ciumento de sua brasileira loura. Reembarcamos cedo, e o motor do Constellation ainda faz uma confusa cadência de marcha ou batuque sobre as solenes amplidões da Cordilheira.

30/3/54 R. B.